

“Vultos da República” na mídia: análise discursiva das narrativas de vida de políticos

Flávia Pereira Dias Menezes*

André Luiz Silva**

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar as estratégias utilizadas pelos jornalistas ao relatarem as trajetórias de vida de dois sujeitos empíricos, os deputados federais Jean Wyllys (PSOL) e Jair Bolsonaro, inicialmente filiado ao Partido Progressista (PP) e, em 7 de março de 2018, filiou-se ao Partido Social Liberal (PSL), vislumbrando uma candidatura à Presidência da República. Essas trajetórias de vida foram (re)construídas na imprensa escrita, mais especificamente na coluna “Vultos da República”, da revista brasileira mensal **Piauí**. A ideia é mostrar como a revista construiu as narrativas de vida dos sujeitos conhecidos pelo grande público por apresentarem posicionamentos políticos e ideológicos opostos entre si. Para tanto, busca-se averiguar como os políticos se projetaram, criaram imagens de si e quais as fontes/vozes evocadas no discurso para a construção das imagens dos entrevistados, sendo que elas contribuem para o direcionamento da composição da narrativa. Conclui-se que as narrativas reforçaram os imaginários sociais dos “já-ditos” cristalizados na população brasileira a respeito dos dois políticos: a de Jean Wyllys, um batalhador, que sofre preconceitos pela homossexualidade; e a de Jair Bolsonaro, um sujeito ríspido e de opiniões bem tradicionais, mas que, mesmo assim, tem muitos adeptos e simpatizantes.

Palavras-chave: Narrativas de vida. Mídia. Jean Wyllys. Jair Bolsonaro.

“Vultos da República” in the media: discursive analysis of the life narratives of politicians

Abstract

The objective of this article is to analyze the strategies used by journalists in reporting on the life trajectories of two empirical subjects: federal deputies Jean Wyllys (PSOL) and Jair Bolsonaro (PP), who was initially affiliated with the Progressive Party (PP) and, on March 7th, 2018, joined the Social Liberal Party (PSL), envisaging his candidacy for the Presidency of the Republic. These life trajectories were (re)constructed in the written press, more specifically in the monthly Brazilian magazine *Piauí*'s column “Vultos da República”. Our purpose is to show how the magazine constructed the life narratives of these subjects known by the general public as they present opposing political and ideological positions. For such, we intend to investigate how these politicians projected themselves, how they created their self-images and what voices were evoked in their discourses for the construction of the interviewees' image, adding to the orientation of the narrative's composition. We concluded that the narratives reinforced the social imaginaries crystallized in the Brazilian population regarding both politicians: Jean Wyllys as a fighter who suffers homophobia; and Jair Bolsonaro as a rude man with very traditional opinions, but who still has many supporters and sympathizers.

Keywords: Narratives of life. Media. Jean Wyllys. Jair Bolsonaro.

Recebido: 27/09/2017

Aceito: 20/06/2018

* Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens.

** Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG). Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens.

Introdução

A exposição pública diária das experiências vivenciadas em acontecimentos que giram em torno do sujeito e a exibição de sua intimidade nas redes sociais são um fenômeno contemporâneo e vêm conquistando muitos adeptos/usuários da internet. O ato de contar tudo de si, narrar e revelar detalhes da vida privada, por meio de fotos, textos e vídeos, tem sido praticado por anônimos e personalidades públicas que corroboram a espetacularização da vida em aplicativos como *Instagram*, *Facebook*, *Twitter* e *blogs*. Vigora, portanto, na contemporaneidade, a crescente necessidade de o sujeito mostrar os “bastidores” de sua vida, fatos do cotidiano, reforçando, por conseguinte, a midiáticação¹ da sociedade.

O desejo e o ato de narrar o “eu”, as situações e as experiências, no entanto, não são novidades, o homem, desde a era pré-histórica, por meio da arte rupestre, faz uso das narrativas para contar histórias. É uma prática de (re)construção do passado que exige uma organização da memória e certa ficcionalização dos fatos. A narrativa de vida está localizada em documentos estritamente genealógicos, como biografia, autobiografia, memorial e diário, e em gêneros “transgressivos”, como os poéticos e os midiáticos (MACHADO, 2016). Como parte do gênero jornalístico informativo, pode-se incluir o perfil ou reportagem-perfil, sendo sua característica a narração de passagens relevantes da vida e carreira do entrevistado, bem como opiniões em assuntos importantes, declarações de amigos e desafetos e a abordagem do como faz o que faz.

As narrativas de vida, de modo geral, se caracterizam pela capacidade de um sujeito-enunciador ordenar a trajetória de si mesmo ou a de outro sujeito, sendo que, para isso, o indivíduo rearranja momentos trazidos pelas suas próprias lembranças e/ou informações embasadas em documentos escritos e ditos por outros personagens, conferindo, assim, um “ordenamento” às etapas de uma trajetória pessoal e profissional. As construções biográficas e autobiográficas em diferentes mídias desempenham papéis culturais fundamentais na sociedade, ganhando uma dimensão relevante na contemporaneidade ao atribuir sentido a um mundo marcado pela dispersão.

Nesse contexto de construções de narrativas de vida de celebridades, artistas, políticos e até mesmo de pessoas anônimas, em diferentes suportes e gêneros midiáticos, este artigo privilegia o estudo de dois relatos de vida de dois políticos brasileiros divulgados no jornalismo impresso, a saber: os deputados federais Jean Wyllys (PSOL) e Jair Bolsonaro (PP)². Ambos tiveram fragmentos de suas vidas, seus desejos, motivações e alguns significados de suas ações divulgados pela revista brasileira mensal **Piauí**. Sabe-se que certos homens políticos gostam de expor propositalmente sua vida ao grande público, contando fatos de sua vida particular, buscando, assim, visibilidade e maior notoriedade. Uma das características das narrativas biográficas e autobiográficas é justamente mostrar o lado pessoal, íntimo e os bastidores que instigam e causam a curiosidade em muitas pessoas.

O objetivo deste artigo é analisar os meios estratégicos e argumentativos utilizados pelos jornalistas/narradores para contar/relatar a trajetória de vida dos dois deputados federais e, ainda, verificar como os políticos em questão se projetaram e criaram imagens de si. Para isso, são analisadas duas reportagens, de cunho biográfico, centradas em torno dos dois sujeitos empíricos veiculadas na coluna “Vultos da República”, da revista **Piauí**. A ideia é mostrar como a revista construiu as narrativas dos sujeitos conhecidos pelo grande público por apresentarem posicionamentos políticos e ideológicos opostos entre si. Pretende-se ainda verificar as fontes/vozes evocadas no discurso para a construção da imagem dos entrevistados, sendo que elas contribuem para o direcionamento da composição do texto.

1 Hepp (2014, p. 51) define midiáticação “[...] como o conceito usado para analisar a inter-relação (de longo prazo) entre a mudança da mídia e da comunicação, por um lado, e a mudança da cultura e da sociedade, por outro, de uma maneira crítica”.

2 Em 7 de março de 2018, deixou o Partido Progressista (PP) e filiou-se ao Partido Social Liberal (PSL), vislumbrando uma candidatura à Presidência da República.

Jean Wyllys é o único deputado federal assumidamente homossexual do país e defende, entre outras causas, os direitos dos negros e das minorias. Com o título da reportagem “A bancada de um homem só”, divulgada em novembro de 2015, a jornalista Adriana Abujamra resgata a história do político desde os seis anos de idade, passando pela sua participação em um *reality show* de visibilidade nacional, até a sua chegada ao Congresso Nacional como deputado, sua atuação política e suas expectativas. Na matéria jornalística “Direita, Volver”, de setembro de 2016, o entrevistado pela jornalista Consuelo Dieguez foi o capitão reformado do exército e deputado federal Jair Bolsonaro. A reportagem traça o perfil do político considerado ultradireitista e católico, destacando seus pensamentos, posições e desafetos. As histórias deles se entrecruzam no cenário político da Câmara dos Deputados por episódios em que se “enfrentaram” por apresentarem posições pessoais contrárias e por críticas mútuas com relação às questões de gênero e homossexualidade.³

A finalidade da coluna “Vultos da República” é traçar perfis de figuras que lidam com engrenagens do poder político e, dessa forma, a revista reconstrói a trajetória das personalidades políticas, aborda suas singularidades e excepcionalidades, assemelhando-se a uma narrativa ficcional. Criada em 2006, a **Piauí** difere das revistas tradicionais presentes no mercado editorial brasileiro por praticar o jornalismo literário,⁴ uma narrativa jornalística que emprega recursos literários associados ao aprofundamento no assunto com o propósito de conquistar o leitor. As características mais evidentes de um texto jornalístico literário são a atribuição do caráter estético à escrita e as reportagens contextualizadas. O estilo não obedece à lógica da pirâmide invertida,⁵ dispensando a “objetividade” textual e recusando a linguagem padronizada das mídias tradicionais.

Entendendo que a narrativa se constrói somente no e pelo discurso, a modalidade será abordada como agenciamento discursivo que sintetiza a vida dos personagens políticos.

1 Reflexões sobre narrativas de vida e a mídia como espaço (auto)biográfico

Narrativa de vida, de acordo com Carvalho (2016), é o processo discursivo assumido por um sujeito que conta a vida de um indivíduo que existe ou existiu, sendo ele o próprio narrador de sua história ou outro. O processo de contar a vida de outra pessoa acontece também na mídia quando um jornalista/narrador da história seleciona os fatos que pretende mostrar, desvelar, esclarecer em torno do sujeito biografado e, ao mesmo tempo, conscientemente ou não, silencia dados e deixa certas informações no nível do velado.

Os sintagmas biografia, autobiografia, relatos de vida, história de vida, ato-de-se-contar ou falar-de-si, narrativas de vida, entre outros axiológicos, são utilizados, de modo geral, para remeter a uma situação em que um entrevistador solicita a um outro que lhe conte a sua história de vida ou parte dessa trajetória.

Biografias, autobiografias, confissões, memórias, diários íntimos, correspondências dão conta, há pouco mais de dois séculos, dessa obsessão por deixar impressões, rastros, inscrições, dessa ênfase na singularidade, que é ao mesmo tempo busca de transcendência. [...] Mas na trama da cultura contemporânea, outras formas aparecem disputando o mesmo espaço: entrevistas, conversas, perfis,

3 No plenário da Câmara dos Deputados, durante o processo de *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff, em 2016, após terminar de anunciar o voto, Jean Wyllys cuspiu em direção ao parlamentar Jair Bolsonaro. No seu discurso, Bolsonaro fez menção e enalteceu o ex-chefe de um dos órgãos de repressão da ditadura militar.

4 Lima (1995) explica que jornalismo literário é a narrativa jornalística que emprega recursos literários e esses recursos precisam ter profundidade e qualidade literária para conquistar o leitor. O estilo literário dentro da grande-reportagem faz com que a narrativa cresça, ou seja, consiga ser capaz de conduzir o leitor para que ele se sinta dentro do que está sendo transmitido. Característica geralmente presente na literatura.

5 Pirâmide invertida é uma técnica de construção das notícias que privilegia a disposição das informações em ordem decrescente de importância. Assim, os fatos mais interessantes são escritos no início do texto, enquanto os de menor relevância aparecem na sequência.

retratos, anedotários, testemunhos, histórias de vida, relatos de autoajuda, variantes do show — *talk show, reality show*... No horizonte midiático, a lógica informativa do “isso aconteceu”, aplicável a todo registro, fez da vida — e, consequentemente, da “própria” experiência um núcleo essencial de tematização. (ARFUCH, 2010, p. 15).

Arfuch (2010) traz o conceito de “espaço biográfico” para explicar essa emergência das narrativas de si na sociedade contemporânea, as diversas possibilidades de manifestação da dimensão biográfica em diferentes espaços e os gêneros não tradicionais marcados para esse fim.

Documentos que fogem dos modelos genealógicos canônicos das narrativas são considerados por Machado (2016) como “transgressivos”, ou seja, eles escapam do convencional, do esperado. A autora aponta quatro possibilidades que motivam certos indivíduos a empreenderem uma narrativa de suas vidas ou de parte delas: a do sujeito-narrador testemunha de uma fatalidade; a do sujeito-narrador intelectual e criador de ideias, que quer deixar algo de seu trabalho ou de sua vida dedicada a esse trabalho para a posteridade; a do sujeito-narrador político, a quem são solicitadas lembranças ligadas a seu passado; e a do sujeito-narrador irônico, aquele que ri de si mesmo.

Como a proposta deste artigo é analisar as narrativas de dois políticos, é relevante considerar os elementos, levantados por Ansart, citado por Machado e Lessa (2013, p. 101), que estão presentes na construção da narrativa do ser político que reescreve ou é levado a falar de seu passado: “(i) reorganiza lembranças e reinterpreta sua história e a de suas origens; (ii) renova o culto a personalidades fundadoras; e, finalmente, (iii) torna-se narrador e, ao mesmo tempo, herói da história”.

O pacto (auto)biográfico entre leitor e autor proposto por Lejeune (2014) postula que as biografias são marcadas pela categoria da semelhança em dois níveis: da exatidão e da fidelidade. A exatidão é a busca de informações corretas, visando à completude; e o nível da fidelidade se refere à interpretação fiel e objetiva dos fatos resgatados e relatados. Para o autor, os gêneros autobiográficos se caracterizam por uma crença, por parte do leitor, de que existem coincidências nas identidades do autor, narrador e protagonista da história.

De modo geral, as formas de narrar o “eu” utilizam a diacronia para a (re)construção da vida de um personagem e são produzidas com uma sensação de ordenamento, apreensão de uma totalidade de uma trajetória e unidade coerente de uma vida. É o que Pierre Bourdieu, citado por Rondelli e Herschmann (2000), considera “ilusão biográfica”, essa ilusão de uma narrativa estável e autônoma. Essa linearidade e coerência do indivíduo, conforme Bourdieu, são ilusórias, já que a trajetória de um indivíduo varia no tempo e não cessa de ser reconfigurada pelas histórias verdadeiras e fictícias que um sujeito conta de si mesmo.

O apelo à memória e ao passado como recurso para compensar o ritmo acelerado das mudanças contemporâneas foi denominado por Rondelli e Herschmann (2000, p. 202) de “âncoras temporais”. Eles consideram que as formas de “âncoras temporais” acontecem à medida que as coordenadas territoriais e espaciais das pessoas se esmaecem ou são absorvidas pela crescente mobilidade do mundo. As que mais chamam atenção hoje são as biográficas.

As narrativas biográficas e autobiográficas oferecem um enquadramento retrospectivo e prospectivo ao ordenarem a vida articulando memória e aspirações (“projetos”) dos indivíduos, suas motivações e os significados de suas ações numa conjuntura própria de vida, conferindo uma sequência às etapas de uma trajetória pessoal. (RONDELLI; HERSCHMANN, 2000, p. 203).

A narrativa surge justamente do “[...] equilíbrio feito pelo *sujeito-narrador* entre seu testemunho factual incrementado por fatores ficcionais. Estes últimos tentam preencher lacunas da própria fala ou da escrita. Seja como for, memória e imaginação andam sempre de mãos dadas”. (MACHADO, 2016, p. 80, grifo no original).

Dosse (2009) destaca essa tensão constitutiva do gênero biografia por estar “navegando” entre o factual e a vontade estética. Ele considera a biografia um gênero híbrido, ou seja, situa-se numa tensão da vontade de reproduzir um vivido real passado por meio do resgate das vivências pela memória

e o polo imaginativo do biógrafo, que depende da dimensão histórica e da dimensão ficcional. Para ele, é preciso gerir o procedimento para criar aspectos de credibilidade e efeito de real na narrativa, mantendo o pacto da veracidade.

Nessa “avalanche” da narração da vida de anônimos e conhecidos pelo grande público na contemporaneidade, Sibilia (2004, p. 2) chama a atenção para a proliferação dos “espetáculos do eu”, referindo-se à exposição pública da intimidade dos usuários da internet. O “eu”, para a autora, seria uma entidade fictícia, “[...] uma unidade ilusória construída na linguagem a partir da multiplicidade caótica de toda e qualquer existência individual”. A mídia, nesse contexto, torna-se um suporte de divulgação das narrativas e é entendida como espaço da memória e não só de fragmentos.

Essa nova forma do fazer biográfico indica um traço da contemporaneidade, que é a ênfase na subjetividade (ARFUCH, 2010). A entrevista midiática é vista como uma forma de registro da experiência e concentra funções, tonalidades e valores biográficos. O espaço biográfico, na entrevista, para a autora, define-se como um conjunto de momentos autobiográficos.

Diante de tudo isso, serão analisadas as entrevistas de dois políticos que defendem posições distintas entre si. As entrevistas midiáticas estão sendo consideradas como um espaço de relatos de vida, mesmo que fragmentário e anedótico. Para Arfuch (2010), a entrevista na mídia encena a oralidade da narração e torna visível a atribuição da palavra, gerando um efeito de espontaneidade e autenticidade.

A entrevista política no meio jornalístico é especificada pelo contrato midiático no qual temos o entrevistador, o entrevistado e o ouvinte. Segundo Charaudeau (2010, p. 215), a entrevista política é um “[...] gênero que se presume pôr à disposição da opinião pública uma série de julgamentos e de análises que justifiquem o engajamento do entrevistado. Esse gênero se baseia então num ‘é-preciso-dizer-a-qualquer-preço’”. O entrevistado é um representante de si mesmo ou de um grupo que participa da vida política, além de cidadão; ele sabe que suas opiniões serão interpretadas de diversas maneiras pelo público.

2 Análise do corpus

2.1 Entrevista com Jean Wyllys

O título da entrevista com o deputado Jean Wyllys, “A bancada de um homem só”, e a fotografia do parlamentar sozinho em um gabinete aparentemente espaçoso já revelam suas nuances na vida política: não possui importantes influências no meio político; conta com o apoio de poucos deputados do partido ao qual é filiado, o Partido Socialismo e Liberdade (PSOL); é o único deputado *gay* assumido no Congresso Nacional.

Na introdução da entrevista, o locutor (jornalista) narra uma sessão no Senado Federal em que a pauta é a legalização do aborto. A presença de pessoas ligadas a igrejas evangélicas e outros grupos religiosos contra a legalização do aborto é posta na *mise-en-scène*. Em minoria, havia a presença de ativistas de grupos feministas que eram favoráveis à causa em debate. Ao descrever a situação de comunicação, o locutor introduz o entrevistado (sujeito-enunciador⁶) em cena no momento em que ele é citado no plenário e, estando ausente, logo é avisado pela assessora; nervoso, dirige-se ao local. A cena é descrita com muitos detalhes do local e das pessoas que ali assistiam à sessão, como num conto. Assim foi iniciada a narrativa sobre Jean Wyllys:

6 Para Charaudeau (2012, p. 76), o enunciador é protagonista da enunciação e este “[...] realiza papéis languageiros intervindo ou apagando-se no discurso”. Considera-se que a narrativa de vida examinada é comandada pelo locutor (jornalista que assume a narração, conduz e enquadra a fala de Jean Wyllys) e pelo sujeito-enunciador (entrevistado).

Na manhã do último dia 6 de agosto, numa sala lotada do Senado Federal, uma senhora orava, concentrada. Perto dela, duas moças — os cabelos compridos, as saias na altura dos tornozelos e um terço nas mãos — se dividiam entre orações, sorrisos e cochichos. Rapazes de terno e gravata brandiam cartazes com a imagem de um bebê sorridente e a mensagem: “Brasil vivo! Sem aborto!” Um garoto vibrava como se estivesse num estádio de futebol. (WYLLYS, 2015, p. 32).

No decorrer da entrevista, o locutor vai revelando as convicções políticas e bandeiras levantadas pelo sujeito-enunciador, que podem ser assim resumidas: o deputado é a favor da legalização do aborto e das drogas e luta pela defesa dos direitos dos negros e das minorias estigmatizadas, como a comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros). O locutor projeta imagens do sujeito-enunciador a partir de marcas em seu discurso, que sinalizam as suas ideologias e crenças. Tons de sofrimento, angústia, nostalgia, mas também de superação das adversidades vividas estão na narrativa.

O locutor revela ainda a personalidade do sujeito-enunciador ao referenciar: “não leva desaforo para casa”; “Wyllys deixou o recinto ofegante”; “Sorriu para fotos com simpatizantes que estavam ali”; “Tinha o ar cansado de quem trabalhara até de madrugada”. Subentende-se que o deputado é um sujeito questionador e destemido ao emitir suas opiniões; a constante adjetivação caracteriza o jeito de ser do deputado: uma pessoa acessível, atenciosa, atuante na vida política e trabalhadora.

O excerto seguinte desvenda, pelas vozes do locutor e sujeito-enunciador, que o parlamentar teve que se impor para ser respeitado no meio político, tradicionalmente marcado pelo machismo, e talvez por isso precisasse passar uma postura e imagem de homem firme: “Jean Wyllys estreou no Congresso em 2011, e não foi de mansinho. ‘Meti o pé na porta. Ou, para usar uma expressão cara aos machistas, botei o pau na mesa. Ou fazia isso ou era engolido’.” (WYLLYS, 2015, p. 34).

A narrativa se desenha em ordem cronológica e diacrônica da vida do parlamentar, mas com algumas “interrupções”, ou seja, com algumas intervenções de outras vozes. Essas vozes revelam que, como outra pessoa qualquer, há quem simpatize com a pessoa e com o profissional Jean Wyllys e há quem faça críticas a ele. Na narrativa, há a evocação de vozes de desafetos e também de pessoas próximas, como amigos e família, mãe, irmã, professor de semiótica da faculdade de Jornalismo e um antropólogo, fundador do Grupo Gay da Bahia, Luiz Mott. Este mostrou as qualidades do entrevistado e também destacou três ressalvas em relação ao deputado: ele age com “estrelismo de franco-atirador”, tomando iniciativas no Congresso sem consultar a base LGBT; a fotografia de Jean Wyllys na capa da revista Rolling Stones, em 2011, como o revolucionário cubano Che Guevara, não foi vista com bons olhos pelo antropólogo, pois, segundo este, Che Guevara era homofóbico; a terceira ressalva está ligada ao apoio à reeleição presidencial de Dilma Rousseff — para o antropólogo, um gay assumido não poderia ter apoiado Dilma, já que ela não se demonstrou uma aliada das causas LGBT.

O relato é conduzido desde o nascimento, a infância pobre e sofrida; descobertas da sexualidade quando criança; humilhações e preconceitos, incluindo os impetrados pelo pai, com relação à sexualidade; alguns percalços da vida; a entrada em um *reality show*; e algumas conquistas, como a entrada no curso de Jornalismo em uma universidade federal e a vida política como deputado federal. O encerramento da entrevista se dá com as expectativas e planos futuros. Acentua-se uma transformação do sujeito no que diz respeito à postura, posicionamentos e trajetória de sucesso. A história de sucesso de Jean Wyllys se assemelha à de muitos “heróis” (auto)biográficos, ou seja, a narrativa se desenvolve mostrando as dificuldades sofridas na infância ou em algum período de sua vida, depois os subterfúgios para a superação dos obstáculos e, finalmente, o alcance do sucesso. Enfim, história de um predestinado.

Na tentativa de construir uma linearidade e coerência na trajetória de vida do enunciador, o locutor utiliza-se de meios estratégicos: “Jean Wyllys de Matos Santos nasceu no dia 10 de março de 1974”; “Na primeira tentativa no vestibular, passou na Universidade Federal da Bahia (UFBA), para cursar Jornalismo”, “Aos 10 anos, o menino e o irmão George foram trabalhar nas ruas de Alagoinhas,

vendendo algodão-doce, calendários do Sagrado Coração de Jesus e livros de ervas medicinais”; “O baiano costuma dizer que se inscreveu no Big Brother com o intuito de fazer uma investigação etnográfica do programa para entender sua engrenagem”. (WYLLYS, 2015, p. 35).

Esse último excerto demonstra uma espécie de “vergonha” de uma experiência vivenciada no passado. Em sua trajetória, revela, nas entrelinhas, que cometeu um deslize no percurso de sua vida ao tentar justificar a sua entrada em um programa popular de televisão, um *reality show*. Programa este que pode ser visto aos olhos do público como um episódio que não acrescenta nenhum conhecimento e que não seria um espaço adequado para um estudioso, intelectual. São justamente esses desdobramentos que constituem e caracterizam o espaço biográfico. “Permite-se a corroboração ou correção de certas circunstâncias significativas, esclarecer, ilustrar, desdizer; em última instância, ‘passar a limpo’ a própria história” (ARFUCH, 2010, p. 178). A autora ressalta que os políticos utilizam da prática metalinguística que se volta sempre para seus ditos e fatos para deixar uma marca na memória pública.

Muitas falas do sujeito-enunciador são reconstruídas na narrativa a partir de eventos de que o deputado participou ou até mesmo das sessões da Câmara dos Deputados. Frases de efeito ditas pelo sujeito-enunciador são postas com aspas pelo locutor: “Sou amado, mas também odiado”; “Homens decentes não assistem a vídeo pornô em plena sessão plenária, homens decentes não são condenados por improbidade administrativa, por roubar dinheiro público”; “Não tenho medo de coronéis, os tempos mudaram. Ele e todos os fascistas desta Casa vão ter de me engolir, vão ter de me engolir. Eu sou homossexual assumido, sim, e se acostume com isso”. (WYLLYS, 2015, p. 38).

A citação do deputado federal Jair Bolsonaro na narrativa de Wyllys foi para tratar de um episódio envolvendo os dois políticos no que diz respeito a um “*kit gay*” preparado pelo Ministério da Educação que seria distribuído em escolas públicas. Marca-se o que Bolsonaro pensa a respeito de Wyllys e da temática homossexualidade, postura e posicionamentos. O locutor assim descreve: “Para Bolsonaro, Wyllys não passa de ‘um ativista *gay* com projetos absurdos que não somam nada para que se valorize a família’”. (WYLLYS, 2015, p. 34). A menção de Wyllys na matéria sobre Jair Bolsonaro foi feita quando pessoas que odeiam Bolsonaro são citadas, incluindo Wyllys e a situação em que, durante a votação do processo de abertura de *impeachment* da então presidente Dilma, ele teria dado uma cusparada em Bolsonaro.

2.2 Análise da entrevista com Jair Bolsonaro

Na entrevista com o deputado federal Jair Bolsonaro, mesmo tendo a mesma intencionalidade de traçar um perfil do entrevistado, a construção da narrativa se desenvolveu com algumas diferenças com relação à de Jean Wyllys. A narrativa de Bolsonaro não resgata acontecimentos e vivências da infância e juventude do entrevistado, ela fica centralizada em sua entrada e atuação política. O título “Direita, volver” e a fotografia do parlamentar simulando empunhar um fuzil já sinalizam o que o leitor poderá encontrar nas páginas seguintes. Na esfera política, o termo “direita” tem sido usado para fazer referência a diferentes posições políticas, representando uma visão mais conservadora ligada a um comportamento tradicional. O termo “volver” significa mover-se de um lado para outro e é utilizado pelas forças militares em exercícios de ordem unida. Unindo os dois sintagmas “direita” e “volver”, pode-se fazer algumas inferências e começar a traçar um perfil do deputado e da narrativa que se segue: um político com postura rígida de um militar e com convicções conservadoras.

No preâmbulo da entrevista, a locutora⁷ descreve o local onde é realizada a entrevista, a postura e os gestos do entrevistado também são considerados. A narrativa em tom ficcional, com a localização

⁷ Assim como foi feito na análise da entrevista de Jean Wyllys, aqui a jornalista/locutora assume a narração, conduz e enquadra a fala de Jair Bolsonaro, o sujeito-enunciador.

espaço-temporal, o modo como se encontrara com o entrevistado e a postura deste diante da entrevistadora podem ser observados no enunciado abaixo:

Jair Bolsonaro estava acomodado atrás de uma mesa de madeira escura, repleta de papéis, quando o encontrei em seu gabinete, na Câmara dos Deputados, num final de tarde de julho. Resfriado, aparentava cansaço. Antes mesmo que me sentasse, perguntou se eu havia gostado dos quadros na parede. Eram fotos emolduradas dos generais que ocuparam a presidência da República durante a ditadura militar. Humberto Castello Branco, Arthur da Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici, Ernesto Geisel e João Baptista Figueiredo. “Você queria que eu colocasse a foto de quem aí? Da Dilma?”, e riu alto. Em seguida, já com o cenho franzido, determinou: “Pergunta. Pode perguntar o que você quiser que eu respondo”. [...] Não é preciso muito esforço para arrancar respostas do deputado. Elas costumam ser incisivas e não raro se confundem com um ataque ao interlocutor. Suas posições e a maneira como as exprime já lhe renderam acusações de ser racista, misógino, xenófobo, homofóbico e fascista. “Se bobear, sou até gordofóbico”, ele riu novamente. Bolsonaro rejeita as imputações. Acusa “a imprensa imbecil” — imbecil é um termo que ele emprega com frequência — de interpretar mal suas palavras, isso quando não age de maneira desonesta. (BOLSONARO, 2016, p. 18).

Nessas primeiras palavras de introdução do texto, é possível perceber o tom que o locutora quer transmitir a respeito do sujeito-enunciador, ao delinear um perfil do entrevistado. Diante do exposto, a narrativa revela um parlamentar grosseiro ao emitir suas opiniões e ao se expressar, um sujeito exaltado, debochado, preconceituoso, homofóbico, intolerante e que apresenta um jeito ríspido para tratar as pessoas. Essa postura, segundo a matéria, já lhe rendeu processos judiciais e desavenças. O enunciado revela ainda ser uma pessoa conivente com a ditadura militar, o regime instaurado no Brasil de 1964 a 1985, que foi marcado por censura política, tortura, repressão e cerceamento dos direitos civis.

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu autorretrato, detalhe suas qualidades nem mesmo fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. (AMOSSY, 2013, p. 9).

Os pontos de vista são construídos pelo locutora a partir de adjetivações sobre o parlamentar, e esse meio argumentativo é utilizado durante toda a narrativa, como pode ser observado nos enunciados: “Bolsonaro é odiado”; “Não tem espaço cativo nos meios de comunicação”; “Ele foi o único a agir, ferozmente, em defesa dos militares”; “O assunto migrou para o MST, outro inimigo de Bolsonaro”; “Bolsonaro ficou tão alterado ao falar do assunto”. (BOLSONARO, 2016, p. 23). As expressões revelam, assim, um político que tem muitas desavenças no meio político, de difícil convivência e com intolerância quando se trata de minorias e grupos marginalizados da sociedade.

As marcas da presença do locutora na encenação são postas durante toda a entrevista, revelando-se, dessa forma, uma heterogeneidade discursiva. O autor, ao se desdobrar em personagem, projeta diversos biografemas, ou seja, fragmentos que se sustentam entre ficção e realidade (ARFUCH, 2010). Para Barthes (2003), biografemas seriam representações dos fragmentos de uma vida. Espécie de invenção pautada num modelo real imaginário que visa a garantir contornos específicos a uma biografia. Para a entrevista, constata-se que os biografemas utilizados como critérios para a construção do roteiro foram: entrada na vida política, os desafetos e o êxito na política.

Uma dessas vozes é a do cientista político e professor da Universidade de São Paulo André Singer, que comentou sobre a popularidade de Bolsonaro e explicou que é preciso cautela quanto ao “fenômeno” Bolsonaro. “O que essa opção por Bolsonaro vocaliza? Um antipetismo radical? O apoio à volta dos militares? Uma onda conservadora ligada à intolerância religiosa? O sentimento anticomunista? Sim, porque embora não exista comunismo, sabemos que o anticomunismo existe.” (SINGER apud BOLSONARO, 2016, p. 20).

Outro cientista político, Eduardo Giannetti, é evocado no texto, e ele chama a atenção para o discurso do medo, que, para ele, é típico da direita em todo o mundo, e aqui é representado por Bolsonaro. Os questionamentos levantados pelos cientistas políticos podem revelar uma intencionalidade do locutor em estimular uma reflexão por parte da população brasileira sobre o possível apoio político a Bolsonaro, já que este tem como meta chegar à presidência da República em 2018.

As convicções políticas do deputado ficaram claras na narrativa, o parlamentar é contra Fidel Castro, Hugo Chávez, Lula, Dilma, PT, MST, ou seja, personalidades políticas que compartilham (ou compartilhavam) de ideais políticos progressistas. É contra também a lei do desarmamento, as cotas raciais, é crítico ao Bolsa Família (programa de governo de transferência de renda), contrário à educação sexual nas escolas que aborde questões de gênero e homossexualidade. Ele tem apoio de pessoas ligadas à igreja evangélica, da classe alta da sociedade e vem conquistando simpatia do público jovem com inserção no mundo das redes sociais.

Quando se pensa que as qualidades do entrevistado serão ressaltadas na reportagem pelo locutor ao fazer uma descrição de suas características físicas, o discurso sobre o jeito sisudo do entrevistado é retomado, como pode ser observado nas linhas seguintes: “Bolsonaro é um homem alto, de cabelos lisos, pele clara, olhos de um azul intenso e expressão permanentemente crispada.” (BOLSONARO, 2016, p. 20).

Até mesmo as falas do sujeito-enunciador são carregadas de preconceitos e intransigências que não contribuem para ressaltar as suas qualidades e melhorar a sua imagem, como pode ser percebido nestes enunciados: “Se depender de mim, proprietário rural vai ter fuzil em sua propriedade para combater o MST”; e “Eu quero saber se você gostaria de ser operada por um médico que entrou na universidade pelo sistema de cotas”. (BOLSONARO, 2016, p. 21).

Para Charaudeau (2012, p. 58), o “discurso político se caracteriza por um jogo polêmico que utiliza constantemente contratos e estratégias para convencer ou seduzir o outro”. O autor considera que, no discurso político, há uma construção e uma imagem de “fusão identitária” como estratégia de dramatização, com o intuito de que todos os cidadãos se sintam integrados. Por exemplo, quando um político deixa sua marca sinalizando que todos, sem distinção, serão beneficiados com tal compromisso, está-se querendo passar essa imagem de “fusão identitária”. Essa estratégia não é vista em Bolsonaro, sendo que ele demarca claramente as suas preferências e seu engajamento político-ideológico.

3 Construções biográficas que projetam *ethos*

“O orador que mostra em seu discurso um caráter honesto parecerá mais digno de crédito aos olhos de seu auditório” (EGGS, 2013, p. 29). O autor destaca o enunciado para tratar do *ethos* aristotélico, que se encaixa nas entrevistas midiáticas analisadas neste artigo. A entrevista é uma oportunidade para o entrevistado de ter visibilidade social e mostrar suas qualidades, pretensões, anseios e intenções para o grande público e, com isso, conseguir mais simpatizantes, estratégia importante e necessária principalmente no caso dos políticos.

Nas narrativas analisadas, percebe-se que as locutoras/jornalistas delinearam os perfis das duas personalidades políticas, explorando não só acontecimentos vividos pelos personagens, mas revelando marcas de subjetividade e atribuindo traços de caráter (*ethos*) aos seus entrevistados ao relatar as crenças, valores, sentimentos e relações interpessoais. Percebe-se que esses sujeitos emitiram suas opiniões durante a narrativa, mesmo que veladamente. Enfim, não temos discursos neutros. Os acentos valorativos, mesmo que implícitos, assumem representações que já estão cristalizadas pela memória coletiva sobre os dois deputados federais.

As narrativas reforçaram os imaginários sociais dos já-ditos cristalizados na população brasileira a respeito dos dois políticos: o de Jean Wyllys, um batalhador, que sofre preconceitos pela homossexualidade; e o de Jair Bolsonaro, um sujeito ríspido e de opiniões bem tradicionais, mas que, mesmo assim, tem muitos adeptos e simpatizantes. A narrativa biográfica de Jean Wyllys é pautada no ordenamento de uma rotina de um ser comum, que perde e ganha na vida, tem decepções, mas também apresenta virtudes e se consolida com uma trajetória profissional de sucesso. Em Jair Bolsonaro, tanto o entrevistado quanto o entrevistador não estão preocupados em passar uma imagem de bom moço, pessoa generosa, que precisa ser aceito, de ser benquisto.

Os imaginários, considerados o modo de apreensão do mundo, são mobilizados no processo de reconstrução das memórias dos biografados. “O imaginário é efetivamente uma imagem da realidade, mas imagem que interpreta a realidade, que a faz entrar em um universo de significações.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 203). Os imaginários nascem dos mecanismos das representações sociais, as quais transformam a realidade em real significante. (CHARAUDEAU, 2007). São resultados de um processo de simbolização e significação do mundo, de caráter afetivo-racional, por meio da intersubjetividade das relações humanas, que se depositam na memória coletiva.

Subentende-se que os consumidores da revista **Piauí** são leitores adeptos a reportagens aprofundadas, textos longos e demarcados pela contextualização. Normalmente, as narrativas se caracterizam pela inclusão do narrador como parte integrante do enredo por meio de falas explícitas de sua inserção. Pode-se presumir que os leitores da coluna “Vultos da República” já possuem um conhecimento prévio de quem são esses dois políticos em questão e algumas de suas posturas e ideologias.

Ao narrar-se, o sujeito recorre à memória e a lembranças de experiências e acontecimentos vividos e, assim, estrutura a vida e constrói sua identidade pela sua atuação na sociedade e no relacionamento com os outros. Trabalhar com os relatos (auto)biográficos de personalidades políticas dentro do escopo midiático é revelar, portanto, a riqueza de possibilidades de estudo sobre as narrativas em diferentes materialidades discursivas e favorecer a discussão sobre um espaço de produção de sentidos. É, dessa forma, desvelar as máscaras do “eu” presentes nas narrativas e refletir sobre a relação do sujeito com a coletividade.

Referências

- AMOSSY, Ruth. Da noção retórica de *ethos* à análise do discurso. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2013. p. 9-28.
- ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Tradução de Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Eduerj, 2010.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- BOLSONARO, Jair. Direita, volver. Pré-candidato à presidência, Jair Bolsonaro coloca o ultraconservadorismo no jogo eleitoral. Entrevista concedida a Consuelo Dieguez. **Revista Piauí**, ed. 120, p. 18-26, set. 2016.
- CARVALHO, Aline Torres Souza. Relações teórico-metodológicas entre a AD e a Narrativa de Vida. In: MACHADO, Ida Lúcia; MELO, Mônica Santos de Souza. (Org.). **Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, FALE/UFMG, 2016. p. 21-42.
- CHARAUDEAU, Patrick. Os imaginários de verdade do discurso político. In: CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso político**. Tradução de Fabiana Komesu e Dílson Ferreira da Cruz. São Paulo: Contexto, 2006. p. 187-208.
- CHARAUDEAU, Patrick. Les stéréotypes, c'est bien, les imaginaries, c'est mieux. In: BOYER, Henri. **Stéréotypage, stereotypes: fonctionnements ordinaires et mises en scène**. Langue(s), discours. Paris: Harmattan, 2007. v. 4, p. 49-63.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discursos das mídias**. 2. ed. Tradução de Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2012.
- DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- EGGS, Ekkehard. *Ethos* aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth. (Org.). **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Contexto, 2013. p. 29-56.
- FIORIN, José Luiz de. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.
- HEPP, Andreas. As configurações comunicativas de mundos midiaticizados: pesquisa da midiatização na era da “mediação de tudo”. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 45-64, 2014.
- LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 2. ed. Campinas: Unicamp, 1995.
- MACHADO, Ida Lúcia. **Reflexões sobre uma corrente de análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida**. Portugal: Grácio Editor, 2016.
- MACHADO, Ida Lúcia; LESSA, Cláudio Humberto. Reflexões sobre o gênero narrativa de vida do ponto de vista da Análise do Discurso. In: JESUS, Sérgio, N.; SILVA, Sueli, M. R. (Org.). **O discurso e outras materialidades**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013. p. 102-122.

RONDELLI, Elizabeth; HERSCHMANN, Micael. A mídia e a construção do biográfico - o sensacionalismo da morte em cena. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 12, n.1, p. 201-218, maio 2000.

SIBILIA, Paula. O “eu” dos *blogs* e das *webcams*: autor, narrador ou personagem: In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004, Porto Alegre. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2004. CD ROM.

WYLLYS, Jean. A bancada de um homem só. O único deputado federal assumidamente homossexual do país tenta fazer frente à pauta conservadora do Congresso e sofre cobranças do movimento *gay*. Entrevista concedida a Adriana Abujamra. **Revista Piauí**, ed. 110, p. 32-39, nov. 2015.